

Complexo Habitacional Bulevar Artigas: experiência e conceito em uma cooperativa habitacional

Bulevar Artigas Housing Complex: Reality and concept in a housing cooperative

Complejo Habitacional Bulevar Artigas: Realidad y concepto en una cooperativa de vivienda

Carolina Ritter, Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas.

E-mail: carolritterarq@gmail.com

Célia Castro Gonsales, Doutora em Arquitetura pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidad Politécnica de Cataluña, Barcelona, Espanha. Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas.

E-mail: celia.gonsales@gmail.com

Resumo

Entende-se como fundamental à tarefa de um crítico percorrer em sua realidade a obra arquitetônica, como também ouvir o que se fala em relação a ela – principalmente a voz de quem nela habita. Diante disso, esta investigação analisa o Complexo Habitacional Bulevar Artigas, um dos mais importantes conjuntos habitacionais fruto do sistema cooperativo uruguaio, projetado e construído no início da década de 1970, por meio da experiência e do conceito. Nesse contexto, procura-se destacar, além das questões que

configuram as cooperativas como ações de evidente cunho social, também o caráter do projeto arquitetônico-urbanístico – inspirado nas teorias revisionistas dos preceitos arquitetônicos e urbanísticos modernos, surgidas na Europa nos anos 1950 – desempenha um rol essencial para a consolidação e sucesso do Bulevar Artigas e de outras cooperativas habitacionais. Por consequência, tem-se um conjunto habitacional espacialmente apropriado, que apresenta uma evidente vivacidade urbana e diversas interrelações entre arquitetura e cidade.

Palavras-chave: Habitação de interesse social; Cooperativas habitacionais uruguaias; Processos projetuais; Arquitetura e sociedade; Complexo Habitacional Bulevar Artigas.

Abstract

Fundamental to the task of a critic is to going through the architectural work in its reality, as well as listen to what is said in relation to it – especially the voice of those who inhabit it. Due to this, this investigation analyzes the Bulevar Artigas Housing Complex, one of the most important housing resulting from the Uruguayan cooperative system, designed and built in the early 1970s, through experience and concept. In this context, it seeks to highlight, in addition to the questions that configure cooperatives as actions of evident social nature, also the character of the architectural-urban design – inspired by the revisionist theories of modern architectural and urban precepts, which emerged in Europe in the 1950s – plays an essential role for the consolidation and success of Bulevar Artigas, and other housing cooperatives. Consequently, there is a spatially appropriate housing complex, which has an evident urban liveliness and diverse interrelationships between architecture and the city.

Keywords: Social housing; Uruguayan housing cooperatives; Design processes; architecture and society; Bulevar Artigas Housing Complex.

Resumen

Se entiende como fundamental a la tarea de un crítico recorrer en su realidad la obra arquitectónica, como también, oír lo que se habla de ella – principalmente la voz de quien en ella habita. Delante de eso, esta investigación analiza el Complejo Habitacional Bulevar Artigas, uno de los más importantes conjuntos de vivienda fruto del sistema cooperativo Uruguayo, proyectado y construido en el inicio de la década de 1970, a través de la experiencia y del concepto. En ese contexto, se busca destacar, además de las cuestiones que configuran las cooperativas como acciones de evidente cuño social, también el carácter del proyecto arquitectónico-urbanístico – inspirado en las teorías revisionistas de los preceptos arquitectónicos y urbanísticos modernos, surgidas en Europa en los años 1950 – desempeña un rol esencial para la consolidación y éxito del Bulevar Artigas, y de otras cooperativas de vivienda. En consecuencia, hay un conjunto de viviendas apropiado, que presenta una evidente vivacidad urbana y diversas interrelaciones entre arquitectura y ciudad.

Palabras clave: Vivienda de interés social; Cooperativas de viviendas uruguayas; Procesos de diseño; arquitectura y sociedad; Complejo Habitacional Bulevar Artigas

INTRODUÇÃO

O Bulevar Artigas é um modo de vida. O sistema cooperativo do Bulevar se constitui como um processo que vai além do acesso à habitação. Não se trata da compra de um apartamento, mas do ingresso em uma cooperativa. Inicialmente, vim apenas “pela casa”, mas acabei virando um cooperativista. [testemunho do morador]

Essas são algumas das expressões ouvidas nas visitas realizadas ao Complexo Habitacional Bulevar Artigas, em Montevideu, em 2018 e 2019, que refletem o sentimento dos moradores de um dos mais importantes conjuntos habitacionais fruto do sistema cooperativo uruguaio, projetado e construído entre 1971 e 1974.

Nas primeiras visitas – com a recepção de um morador arquiteto, sócio fundador da cooperativa –, a conversa iniciou-se por onde as conversas sobre as cooperativas habitacionais uruguaias sempre se iniciam: pela afirmação da importância da *Ley Nacional de Vivienda*, do Uruguai. Em 1968, essa lei criava o ente legal da cooperativa habitacional permitindo que, por meio da participação social e da gestão coletiva do solo e de seu *habitat*, parte da população excluída do mercado da habitação pudesse acessar alojamento adequado e estável (URUGUAY, 1968).

Essa legislação dá, até hoje, forma às cooperativas de Ajuda Mútua e às de Poupança e Empréstimo. Nas primeiras, com compra do terreno e construção financiadas pelo Banco Hipotecário Uruguaio (BHU) (RISSO; BORONAT, 1992) –, a contribuição dos sócios pode se dar por meio de horas de trabalho: um “trabalho comunitário, adotado pelos sócios cooperativados para a construção dos conjuntos coletivos, por meio da direção técnica da cooperativa” (URUGUAY, 1968, tradução nossa). Nas segundas, o terreno é adquirido com a poupança dos associados e a construção financiada pelo BHU (RISSO; BORONAT, 1992).

A *Ley Nacional de Vivienda* também criava os Institutos de Assistência Técnica, equipes interdisciplinares contratadas pelas cooperativas para auxílio nas questões de autogestão social e econômica, assim como para a elaboração dos projetos arquitetônicos e urbanísticos participativos.

Em qualquer modalidade, a garantia da participação comunitária é uma questão fundamental, conforme destaca Portillo (2010, p. 91, tradução nossa),

a participação dos usuários na definição da solução a se colocar em prática é uma necessidade de eficácia e é um objetivo político em si mesmo, já que é uma forma de contribuir para a inclusão social de grupos que são muitas vezes totalmente marginalizados.

Ainda que exista uma modalidade de proprietários, a maioria das cooperativas uruguaias são de usuários, nas quais os cooperados possuem um direito de “uso e gozo” de sua habitação, sem limitação de tempo e transmitido por herança (URUGUAY, 1968). A residência passa a ser, assim, um bem social, e não uma mercadoria. Essa forma de propriedade coletiva se torna “um elemento de união entre os cooperativistas, o que ajuda a valorizar outras coisas que também

pertencem a todos, como os espaços comuns, esses grandes esquecidos dos complexos habitacionais” (NAHOUM, 2013, p. 24, tradução nossa).

Nesse contexto, há uma potencial melhoria nos projetos, pensados como propostas de gestão e organização espacial de um bem de uso e não de capital, exercendo um papel fundamental na consolidação de toda a experiência que envolveu o cooperativismo habitacional uruguaio. Os projetos consolidaram no Uruguai códigos que “até hoje, são sinais inconfundíveis de identidade nacional, na produção habitacional” (VALLÉS, 2015, p. 17).

Entretanto, as dinâmicas próprias desse sistema contracenaram – e isso foi fundamental para a qualidade de propostas arquitetônicas e sua consecução como reais projetos sociais e comunitários, dialogante com um sistema de caráter cooperativista – com um processo de revisão dos preceitos arquitetônicos e urbanísticos modernos que havia começado na Europa nos anos 1950 e que aos poucos foi se enraizando em algumas regiões do continente sul-americano.

Desse modo, se toda a ideia de formação e consolidação das cooperativas se caracteriza como uma ação de evidente cunho social, o que esta investigação procura destacar é que o caráter do projeto arquitetônico-urbanístico também desempenha um rol essencial para a consolidação dos projetos do sistema cooperativo, assim como contribui para o sucesso desses conjuntos habitacionais em termos de qualidade de vida e em termos de apropriação de seu *habitat* por parte de seus moradores.

Nesse contexto, o Complexo Habitacional Bulevar Artigas é espacialmente visitado e observado a partir de conceitos inicialmente identificados em seu projeto. Como a cidade não se define somente por suas características físicas, mas também pelas atividades desenvolvidas em seus espaços, a atividade conceitual contracena com o recorrido espacial. Na sequência, a concreção do espaço é reinterpretada à luz das teorias essencialmente disciplinares das quais lançaram mão os arquitetos responsáveis pelo projeto.

O CONJUNTO HABITACIONAL – REALIDADE E EXPERIÊNCIA

Montaner (2012, p. 18) descreve o crítico como um nômade e o coloca dentro da obra arquitetônica, “percorrendo seus espaços e examinando sua realidade material no entorno e na cidade”. Como observadoras, as autoras percorreram a urbanização, organizando o recorrido em quatro escalas – cidade, bairro/conjunto, rua e casa – espacialmente definidas e que ao se associarem de maneira apropriada dão lugar à construção de um *habitat* muito compreensível. O relato da experiência sensorial está acompanhado do testemunho do morador como um subtexto, às vezes em primeira pessoa, estabelecendo um contraponto da vivência do dia a dia com a visão mais totalizadora do pesquisador.

PRIMEIRA ESCALA: A CIDADE

O visitante, ao se aproximar do Bulevar, comprova que o impacto visual causado pelo conjunto de edifícios é em parte amenizado pela larga avenida na qual está

localizado – Av. Bulevar Artigas –, pelo generoso recuo e pela composição escalonada dos edifícios, tanto na direção vertical quanto na horizontal. O tijolo aparente de suas superfícies – frequente na cidade, especialmente nas experiências habitacionais do sistema cooperativo –, de certa maneira, dialoga com Montevideu e com a construção artesanal local (Figura 1).

O “paredão” formado pelos edifícios oculta seu interior, mas uma aproximação às suas bases desvela a relativa permeabilidade, proporcionada pela zona de pilotis no térreo de parte dos edifícios, pelas entradas junto ao edifício central e pelas passagens que atravessam os edifícios lineares, que permitem entrever o que há “dentro”.

Há uma discussão permanente a respeito de vir a cercar, em função da violência urbana. E embora a utilização dos espaços coletivos do conjunto seja um pouco limitada para quem não é morador, a sua passagem é bastante livre. Para alguns moradores, o Bulevar não foi feito para ser fechado “porque todos do bairro vêm ali. [testemunho do morador]

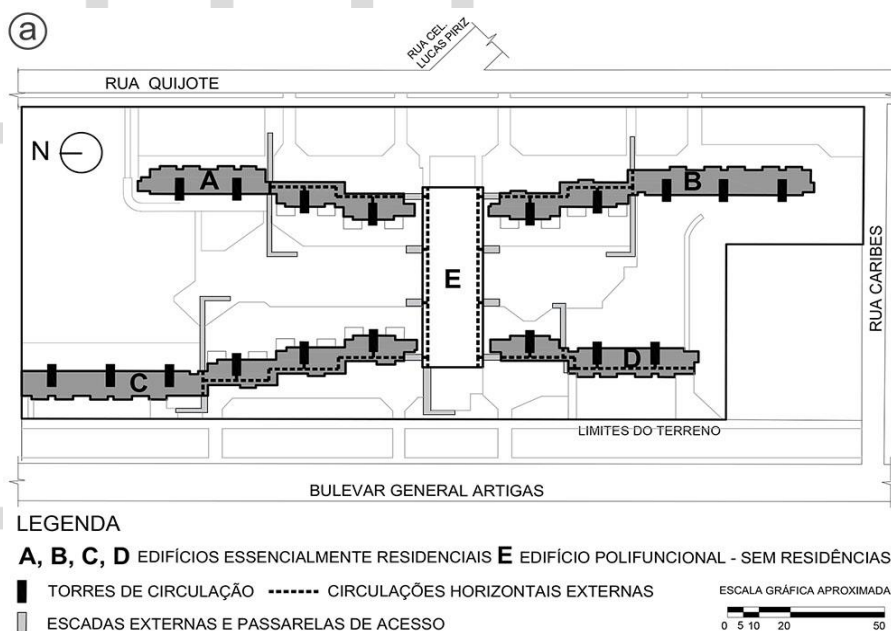


Figura 1: a) Mapa da visita. Fonte: Redesenho de C. Ritter, 2019¹; b) e c) Av. Bulevar Artigas e o conjunto. Fonte: Acervo das autoras, 2018-2019.

1 Redesenho embasado em Centro Cooperativista Uruguayo (1971-1974) e em Complexo Habitacional Bulevar Artigas [201-]. Os esquemas deste trabalho foram desenvolvidos a partir desse redesenho.

Apesar da possibilidade de acesso em algumas áreas de pilotis, o conjunto possui acessos espacializados que potencializam sua conexão com o entorno. As entradas mais evidentes se dão na parte central, onde os edifícios se recolhem e há um alargamento do recuo frontal.

Pela avenida, pode-se acessar a urbanização pelo nível do térreo, chegando nas zonas de uso coletivo internas – praça coberta e espaços descobertos –, nos espaços do próprio edifício central e, neste caso específico, à rua comercial do edifício linear à direita. Também se pode ascender a uma das passarelas do edifício central. À esquerda, pode-se acessar a uma circulação externa elevada, que depois se conecta ao espaço central coletivo e ao passeio público – como uma travessia. No caso dos acessos superiores, as escadas e as passarelas são estendidas até o passeio, convidando o transeunte interessado a entrar (Figura 2). Na outra face do conjunto, junto à Rua Quijote, a relação com a cidade é semelhante, havendo pequenas diferenças em função dos desníveis do terreno.

As entradas dão grande permeabilidade à fruição, tanto dos usos comerciais e de serviço – situados nos dois pavimentos do edifício central e no térreo de uma das barras frontais – quanto de seus espaços coletivos internos. A pavimentação de todos os acessos expressa uma continuidade do passeio público, porém dentro do conjunto (Figura 2).



Figura 2: a) Recuo frontal; b) Rua comercial; c) Escada e passarela de acesso ao edifício central; d) Acesso ao edifício central pela Rua Quijote. Fonte: Acervo das autoras, 2018-2019.

SEGUNDA ESCALA: O BAIRRO/CONJUNTO

Naquele sábado à tarde, o conjunto parecia estar em festa, seus espaços coletivos estavam tomados de crianças, adultos e idosos. Não parece haver dúvidas de que esses espaços são muito apropriados pelos seus moradores, materializando-se como verdadeiros lugares de encontro e como um “respiro” para quem vem das redondezas. [testemunho do morador]

Os espaços coletivos, abraçados física e simbolicamente pelos edifícios, são acolhedores. Introspectivos, com limites e bordas claros, com forma espacial definida, são lugares que nos dão a clara sensação de estarmos “dentro”. Como um genuíno lugar de encontro, é complexo – viabiliza e incentiva diversos usos – e, ao mesmo tempo, é compreensível.

Seus usos, segundo moradores, foram sendo desenhados no decorrer da vida do conjunto: quadras para prática de basquete, vôlei e futebol; brinquedos; equipamentos de ginástica; locais cobertos com mesas e *parrillas*; bancos e mesas espalhados pelos diversos espaços. Também possuem uma manutenção e conservação exemplar, por meio de uma cuidadosa jardinagem e arborização. Trabalhos na topografia do terreno delimitam, qualificam e dão identidade aos lugares (Figura 3).



Figura 3: Imagens dos espaços coletivos. Fonte: Acervo das autoras, 2018-2019.

O edifício central separa e, ao mesmo tempo, conecta o espaço coletivo descoberto norte e sul, mantendo uma evidente comunicação por meio de uma praça coberta. Ela se comporta como espaço de encontro e conexão no conjunto: um autêntico lugar de intermediação, do dentro e fora, e também do público – justamente, quem acessa de fora do conjunto – e privado/coletivo.

Os edifícios lineares que contornam esse grande espaço coletivo são concebidos a partir de uma estrutura espacial em grelha aparente, com a adição de expressivas torres verticais com escadas e elevadores. O vazio de alguns vãos estruturais dá a impressão de que os espaços ainda estão sendo construídos, que ainda há espaço para algo mais. A composição é complexa porque possui outros volumes em tijolo aparente que extravasam os limites da estrutura (Figura 4).

Comentamos com o arquiteto/morador a respeito da possibilidade de ampliação das unidades, preenchendo os vazios presentes nos volumes dos edifícios, e ele logo nos disse que esses vazios eram apenas “formalismos”. Informou que, embora isso tenha sido divulgado em algumas bibliografias, não havia essa intenção projetual. [testemunho do morador]



Figura 4: a) Edifício central; b) Praça coberta; c) Vazios dos vãos estruturais; d) Edifício e torres de circulação. Fonte: Acervo das autoras, 2018-2019.

TERCEIRA ESCALA: A RUA

Os moradores comentaram sobre o permanente circuito de contato presente no Bulevar e sobre uma intenção de fazer acontecer dentro dos “limites” do conjunto, o que acontece na vida pública. Também, nesse sentido, observaram que chama a atenção de crianças visitantes os diversos caminhos e escadas do

conjunto, sendo como um brinquedo para elas, que correm para lá e para cá. [testemunho do morador]

A urbanização possui uma complexa rede circulatória: passarelas, escadas, circulações e caminhos que cruzam o espaço, que se concentram e que se dispersam, mostrando as várias possibilidades de escolhas de movimento. Porém, a riqueza de trajetos também traz pontos negativos, por exemplo, problemas de acessibilidade, de difícil resolução, de acordo com o morador/arquiteto.

Desse circuito, destacam-se as circulações horizontais em um dos níveis das faces externas dos edifícios lineares – “ruas elevadas” –, que são continuações da rua pública, porque estão em contato com o entorno e ao mesmo tempo com o edifício – com o público e com o privado. As ruas elevadas também levam às passarelas e escadas que invadem os espaços coletivos, colocando o morador em seu coração. São essas mesmas passarelas que “perfuram” os edifícios, conectando o interior do conjunto e o passeio público (Figura 5).

A generosa largura das ruas elevadas nos leva a pensar que poderiam ter outro uso além de ser apenas circular – porém, talvez por não haver conexão direta com apartamentos, não estimule uma real polifuncionalidade. Já uma circulação externa, com uso comercial e para serviços, é mais atrativa: um elemento de efetiva intercomunicação entre a comunidade residente e a população do entorno.



Figura 5: a) e b) Circulação horizontal externa; c) e d) Passarela e escada que conecta o espaço coletivo, ruas elevadas e entorno do conjunto. Fonte: Acervo das autoras, 2018-2019.

QUARTA ESCALA: A CASA

Cada torre de circulação atende dois apartamentos por andar, formando uma associação independente, e cada elevador possui acesso a meio nível, gerando uma possibilidade de encontro entre moradores/visitantes de quatro habitações, em um mesmo patamar. Pela vasta iluminação e certa complexidade espacial – pé-direito duplo, patamares com parapeitos –, esse local também é um espaço qualificado dentro da escala do edifício (Figura 6).

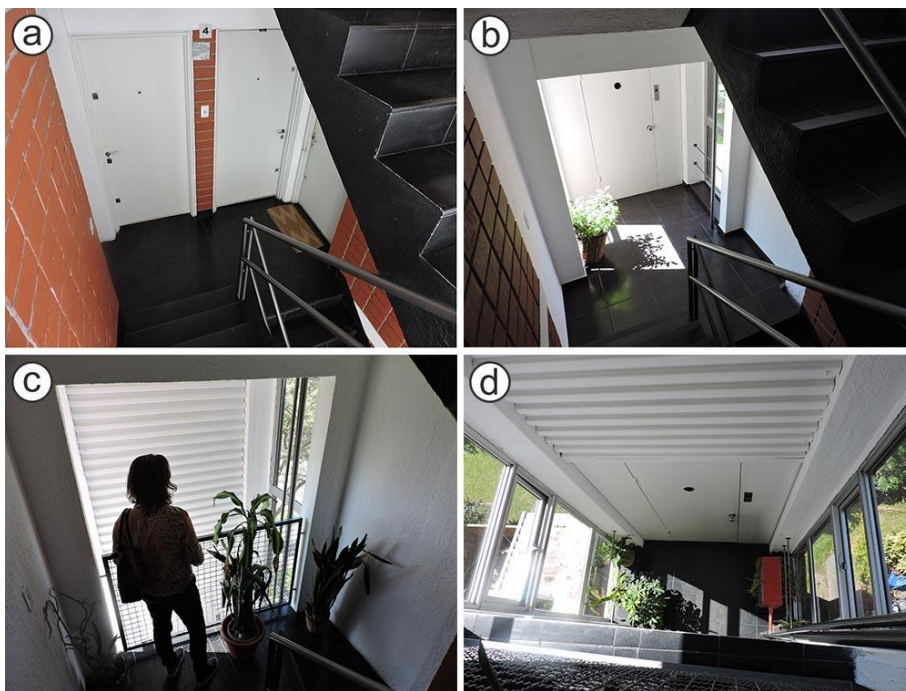


Figura 6: Imagens internas da circulação vertical. Fonte: Acervo das autoras, 2018-2019.

O morador/arquiteto declara que embora as áreas das habitações sejam estabelecidas na legislação, não são questões de custo que as determinam:

"[...] é político, a habitação não pode ser considerada com a lógica bancária, é uma questão de um direito e de uma necessidade, e se deve buscar que cada um possa ter sua habitação independente de sua capacidade econômica".

A participação dos moradores no processo de projeto do conjunto garantiu a organização espacial dos apartamentos de acordo com a demanda de cada família. Esse morador também informa que houve uma preocupação em orientar jovens casais para preverem em suas moradias, por exemplo, um dormitório extra (algo que também aparece na Lei Nacional de Habitação). [testemunho do morador]

Há uma grande variedade tipológica nas unidades habitacionais – com possibilidades, ainda, de outras variações internas – acolhida de maneira original e plástica pela estrutura em esqueleto. A participação de uma maneira ativa no

projeto propicia aos moradores uma compreensão de seu *habitat*, pois assimilam as motivações das escolhas projetuais.

Finalizando o trajeto, resta destacar quão fundamental é o sentimento de grupo, construído por meio de muito esforço, assim como uma gestão forte e consolidada que consiga manter viva a chama da coletividade.

Muito se falou sobre os aspectos arquitetônicos positivos do Bulevar, mas um dos moradores faz o alerta de que não adiantaria o conjunto ter um bom projeto, se não existisse um “grupo por trás” para realmente fazer a “arquitetura funcionar”. [testemunho do morador]

O CONJUNTO HABITACIONAL – REALIDADE E CONCEITO

O Complexo Habitacional Bulevar Artigas é uma cooperativa do tipo Poupança e Empréstimo com forma de propriedade coletiva. Os arquitetos encarregados do projeto foram Arturo Villaamil, Héctor Vigliecca, Ramiro Bascans e Thomas Sprechmann, por meio do Instituto de Assistência Técnica Centro Cooperativista Uruguaio (CCU) – todos jovens profissionais, formados, na época, pela Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo (FADU) de Montevideu, no fim dos anos 1960 e início dos 1970.

Esses profissionais estavam inseridos em um contexto de reflexão disciplinar que expressava grande parte da crítica ao Movimento Moderno, presente na Europa desde os anos 1950. Desse modo, o projeto do Bulevar aporta uma base teórica consistente, que dialoga de várias formas com os anseios dos cooperados e que tem como referência principal as discussões promovidas pelos participantes do Team 10, como Alison e Peter Smithson, Aldo Van Eyck, e pelos metabolistas, como Kenzo Tange, Fumihiko Maki.

Essas discussões tiveram como marco o IX Congresso Internacional da Arquitetura Moderna (CIAM), em 1953, quando Alison e Peter Smithson apresentam a grelha *Urban Reidentification*, em que as fotografias de Nigel Henderson exibindo a “apropriação” da rua por parte de crianças de um bairro de Londres eram colocadas ao lado da “hierarquia de associações humanas”: casa, rua, bairro e cidade, base da exposição de uma proposta de cidade, exemplificada pelo projeto Golden Lane.

Acompanhava a exposição uma ideia geral de “mobilidade”, como potencializadora da coesão entre todas as escalas de associação, e a proposta das ruas elevadas (*streets-in-the-air*): forma de circulação alternativa em prédios de grande altura, relacionando os habitantes com os espaços coletivos da cidade (MUMFORD, 2002).

Para os Smithson, a formação de verdadeiros grupos sociais se dava com a flexibilização de seus limites e com a facilidade de comunicação, assim como com a consolidação dos agrupamentos sociais – rua, bairro, cidade – como “realidades plásticas finitas”. A “ideia de rua” e sua relação com a casa, criava o que chamaram

de “grupos-espços”, locais com capacidade de satisfazer necessidades de identificação e pertencimento (SMITHSON; SMITHSON, 1953).

O *cluster* é outro conceito fundamental, que engloba as questões acima apresentadas. Solà-Morales (1995, p. 48, tradução nossa) o define como sendo “a associação daquilo que vive conjuntamente, intercambiando seus fluxos vitais em uma coexistência que dá significado ao indivíduo como parte inseparável de um grupo humano mais amplo”. Nesse sentido, qualquer agrupamento com conexão é um *cluster*: um grupo de casas forma uma rua, um grupo de ruas e casas forma um bairro, e assim por diante (SMITHSON; SMITHSON, 1957).

Outro personagem importante desse contexto foi Aldo van Eyck, arquiteto que trabalhou com uma base interdisciplinar, buscando referências na Antropologia, na Sociologia e nas Artes Plásticas. Discutia a relação da arquitetura com a cidade, a articulação entre locais de distintas naturezas e escalas, os lugares intermediários/de transição entre “opostos”, e a ideia de apropriação e pertencimento. Nesse caminho, conceitos como “comunidade” e “identidade” vão sustentar a proposta de criação de “lugares” – locais reconhecíveis, com bordas e níveis –, que está na base de toda a sua arquitetura.

Van Eyck operacionaliza essas ideias por meio do pressuposto de interrelação – a partir de “lugares intermediários” – de “fenômenos gêmeos”: “unidade e diversidade, parte e todo, pequeno e grande, muitos e poucos, simplicidade e complexidade, mudança e constância, ordem e caos, individual e coletivo” (VAN EYCK, 1962, p. 327, tradução nossa). Esses lugares intermediários deveriam ser como “espços abertos”² para a expressão das reciprocidades dos “fenômenos gêmeos”, em que um fenômeno avança sobre o outro (VAN EYCK, 1962).

Por fim, cabe destacar o Metabolismo, movimento japonês fundado em 1960 – com alguns componentes também participantes das reuniões do Team 10 – que advogava por uma cidade concebida como um elemento vivo e orgânico, em eterno crescimento e mudança e que, como especifica Tange (1970, p. 148, tradução nossa), permitisse “diversidade, intercâmbio, flexibilidade, escolha de contatos”. “Megaestrutura” é um dos principais conceitos do grupo: cidades divididas em elementos de caráter permanente e em elementos transitórios, em constante relação (TANGE, 1970). Maki e Ohtaka (1964) apontam que a megaestrutura deve ser “flexível” e “aberta”, com diversas possibilidades de conexão entre as partes, por meio de conexões em “pontos críticos”.

Estão bastante claros os pontos de confluência de alguns conceitos presentes nas estratégias projetuais do Bulevar Artigas com o contexto anteriormente apresentado. A ideia de *cluster*, por exemplo, representada essencialmente na proposta de associação das diversas escalas urbanas – cidade, bairro, rua e casa –, que criam uma relação orgânica entre arquitetura e cidade, é algo que vai sendo evidenciado na medida em que se analisa o projeto.

A implantação do conjunto possui uma forma radial, com a presença de um volume central do qual divergem quatro edifícios lineares escalonados, de

2 Esse espaço aberto não é o “vazio [que] tem espaço para nada além de mais vazio” (VAN EYCK, 1962, p. 328), referência clara ao “urbanismo moderno”. É um vazio dotado de identidade.

diferentes comprimentos e com alturas que variam entre oito e doze pavimentos. Essa conformação desenha dois espaços coletivos internos, um ao norte e outro ao sul do edifício central.

O conjunto está associado à cidade por meio de suas conexões, que criam uma interface entre as duas escalas e uma flexibilização a partir de uma permeabilidade muito definida: diversas passagens – escadas, passarelas, caminhos – que se constituem como “realidades plásticas finitas”, induzem e potencializam a conexão do conjunto com o entorno. No entanto, uma travessia central ainda funciona como uma rua de pedestres, atendendo também ao bairro (Figura 7).

Um recuo que se alarga em direção à parte central se caracteriza como uma extensão do espaço interior do conjunto, ao mesmo tempo que é uma extensão do espaço público da calçada, um “lugar intermediário” entre as duas escalas – cidade e conjunto.

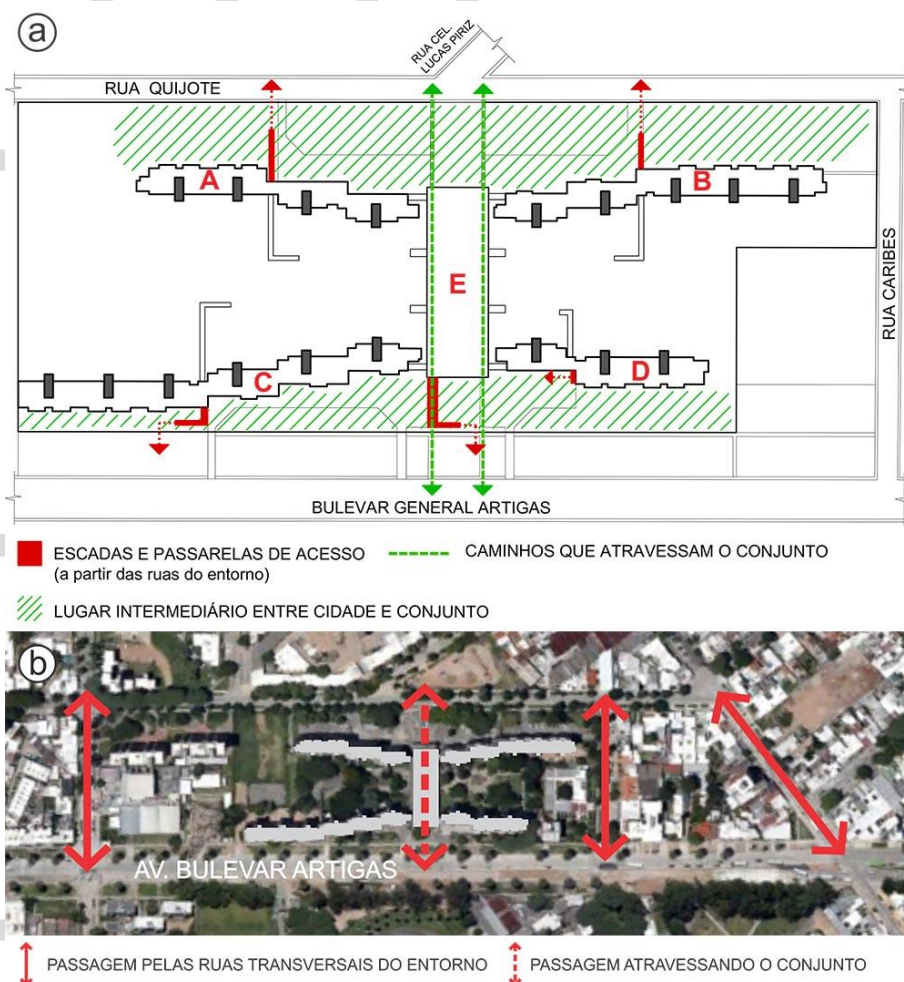


Figura 7: a) Esquema destacando os caminhos de acesso ao conjunto e lugares intermediários; b) Esquema destacando passagens transversais do entorno e através do conjunto. Fonte: C. Ritter, 2020.

Dezoito torres, abrigando elevadores e escadas, distribuem as 332 unidades habitacionais pelos edifícios lineares, com grande variação de tipos. Uma estrutura espacial em grelha acolhe escalonamentos verticais formados pela composição de diferentes tamanhos de apartamentos. No edifício central, com dois andares, e no térreo de um dos edifícios residenciais – edifício D –, distribuem-se os usos comerciais e de serviço (uma creche, uma lavanderia, salões de uso múltiplo etc.).

A complexidade do sistema de circulações horizontais e verticais contribuem para a “associação de escalas” a partir do conceito de “megaestrutura”, que organiza e diferencia o fixo em relação ao transitório: as circulações horizontais e verticais constituem sua “infraestrutura” – a parte fixa – e as unidades habitacionais, os comércios etc., os demais elementos que formam o conjunto, sua “estrutura” – a parte móvel. A “megaestrutura” possui uma “estrutura aberta”, pois, além das conexões entre os edifícios por meio do edifício central, existem pontos de possíveis contatos transversais, que interligam os edifícios lineares entre si, diversificando as conexões (Figura 8).

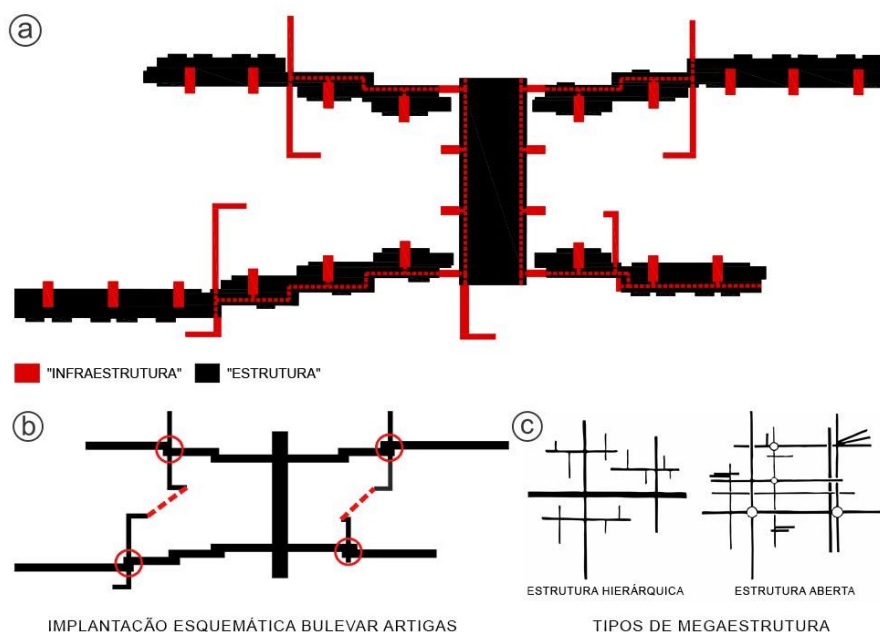


Figura 8: “Megaestrutura aberta”. a) Esquema de “infraestrutura” e “estrutura”, aplicado ao conjunto; b) Esquema de múltiplas conexões do conjunto. Fontes: C. Ritter, 2019; c) Tipos de “megaestrutura” (MAKI; OHTAKA, 1964). Fonte: Edição de C. Ritter, 2018.

O Bulevar Artigas possui uma conformação plástica que decompõe a barra moderna, comumente utilizada em edifícios de habitação coletiva, e dota a urbanização de uma complexidade espacial e um caráter bastante pitoresco. De alguma maneira, essa composição demarca bordas e fechamentos, criando uma forma espacial definida – um agrupamento visível, novamente, uma “realidade plástica finita”.

A rede de circulação é um tema fundamental no projeto. Uma série de escadas, passarelas, caminhos, ruas elevadas e circulações verticais constitui, como vimos,

um potente e claro sistema de mobilidade, que unem cidade, “bairro” e casa, e conectam os “fenômenos gêmeos”, exterior e interior, como reais espaços que intermediam público e coletivo e privado.

As passarelas, as “ruas elevadas” – as circulações horizontais externas –, presentes em um dos níveis dos edifícios lineares com larguras que vão de 2,20 m a 3,95 m – e até mesmo os patamares junto aos elevadores, também são lugares que potencializam o encontro entre moradores. As diversas possibilidades de circulação pelo conjunto também remetem à criação de um elemento arquitetônico que possui “intercâmbios” diversos, “flexibilidade” e “escolhas de contato” (Figura 9). Sendo que, a rua elevada comercial, resgata esse elemento genuinamente urbano.

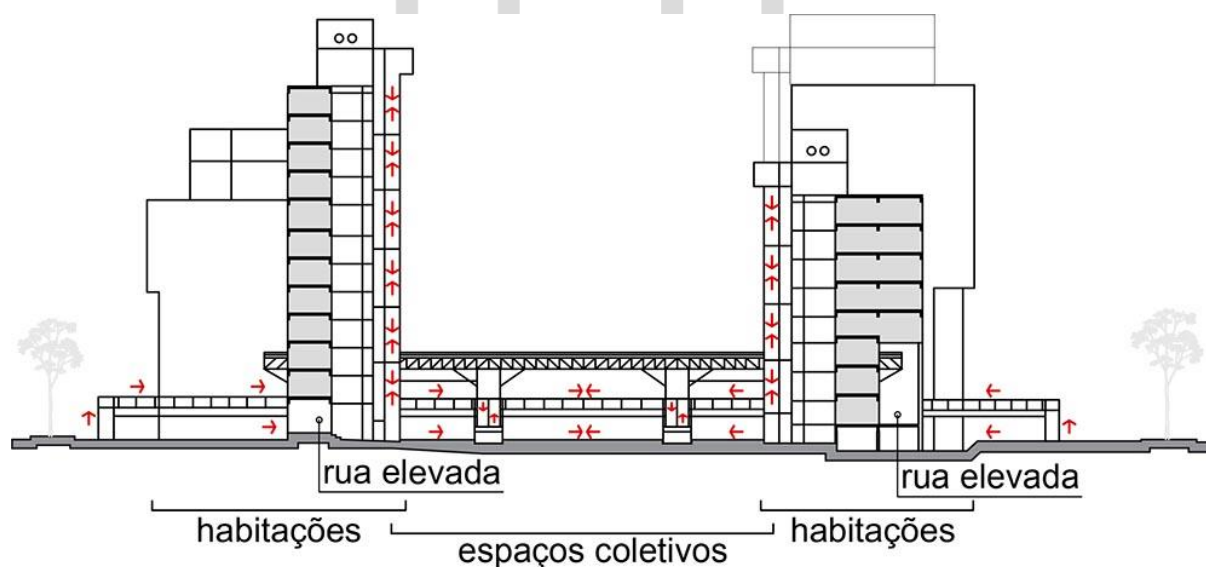


Figura 9: Perfil do conjunto. Fonte: Redesenho de C. Ritter, 2020, embasado em imagem. Disponível em: Vigliecca & Associados, 2020.

Os conceitos de mudança e flexibilidade estão presentes no projeto das unidades habitacionais. O propósito de garantir uma habitação adequada resultou em múltiplas tipologias e dimensões, e em certa flexibilidade no arranjo interno, cuja acomodação no conjunto foi facilitada pelo sistema estrutural padronizado. Por outro lado, a propriedade coletiva da cooperativa facilita trocas de apartamentos, na medida em que uma família aumenta ou diminui.

No padrão econômico – maioria dos apartamentos – as unidades podem ser de um a três dormitórios, mais a existência ou não do ambiente +7 m², que é como um espaço/dormitório extra. As áreas vão de 40 m² a 85 m². No padrão médio, as áreas das habitações variam de 69 m² a 95 m², com dois ou três dormitórios, com ou sem o ambiente +7 m². A maioria das unidades possui duas entradas, o que possibilita um lugar de trabalho – um escritório – com acesso independente (Figura 10).



Figura 10: a) Unidades habitacionais do padrão médio; b) Variantes do padrão econômico de três dormitórios. Fonte: Redesenho de C. Ritter, 2019, embasado em Centro Cooperativista Uruguayo, 1971-1974.

Por fim, pode-se concluir que no projeto do Bulevar Artigas há uma proposta de criar uma clara gradação que parte do espaço público de seu entorno e vai até o espaço privado da habitação. Por meio dessa sucessão de lugares coletivos com mais acesso, até os de acesso restrito, são fortalecidas as possibilidades de uso e identificação. Uma rede de mobilidade e conexão por meio de caminhos espacialmente definidos completa o sistema, caracterizando o conjunto como uma comunidade bastante compreensível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As visitas realizadas ao Conjunto Habitacional Bulevar Artigas ratificaram a possibilidade de projetar espaços que, por sua qualidade e riqueza, despertem o senso de lugar de seus habitantes, a criatividade das pessoas, que sejam realmente apropriados por moradores e visitantes. Prevaecem no conjunto soluções projetuais em que se observa a preocupação em consolidar moradias e espaços de uso comum de qualidade, passíveis de se manterem conservados e em bom estado de manutenção.

Nesse sentido, o Bulevar Artigas apresenta uma bagagem de crítica à cidade funcionalista, em que há uma procura em estabelecer, de diferentes maneiras, uma inter-relação entre a arquitetura e seus espaços abertos e entre a arquitetura e seu local de implantação, cujo resultado se observa em sua vivacidade urbana.

Por fim, observa-se uma confluência de interesses e intenções entre o campo disciplinar da arquitetura e urbanismo e o campo social. A atuação em cooperativa consolidada, dia a dia, um espírito comunitário por excelência. O viver junto é algo que vai construindo-se e, quando isso é combinado com um projeto arquitetônico e urbanístico com semelhante compromisso social, o resultado é o que se pode ver, não somente nesse, mas em outros conjuntos habitacionais no âmbito das cooperativas uruguaias até os dias de hoje.

REFERÊNCIAS

CENTRO COOPERATIVISTA URUGUAYO. **Cooperativa de vivienda:** Complejo Habitacional Bulevar Artigas. Arquivo digital com projeto arquitetônico e fotografias do Complexo Habitacional Bulevar Artigas. Montevideo, Uruguai, 1971-1974.

COMPLEXO HABITACIONAL BULEVAR ARTIGAS. Levantamento arquitetônico do Complexo Habitacional Bulevar Artigas. [201-]. Desenhos técnicos em arquivo digital.

MONTANER, J. M. **Arquitetura e crítica.** 2. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2012.

MAKI, F.; OHTAKA, M. Collective Form: Three Paradigm. *In*: MAKI, F. **Investigations in collective form.** St. Louis: The School of Architecture Washington University, 1964. Disponível em: <https://library.wustl.edu/wp-content/uploads/2015/04/maki-entire.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

MUMFORD, E. P. **The CIAM discourse on urbanism:** 1928-1960. Cambridge: The MIT Press, 2002.

NAHOUM, B. **Algunas claves:** reflexiones sobre aspectos esenciales de la vivienda cooperativa por ayuda mutua. Montevideo: Ediciones Trilce, 2013. Disponível em: http://autogestao.unmp.org.br/wp-content/uploads/2016/02/ART-28_-ALGUMAS-CLAVES-REFLEXIONES-SOBRE-ASPECTOS-ESSENCIALES-DE-LA-VIVIENDA-COOPERATIVA-POR-AYUDA-MUTUA.pdf. Acesso: 10 jan. 2019.

- PORTILLO, A. J. **Vivienda y sociedad.**: la situación actual de la vivienda en Uruguay. Montevideo, 2010. Disponível em: <http://www.farq.edu.uy/sociologia/files/2012/02/Vivienda-y-Sociedad.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- RISSO, M.; BORONAT, Y. **La vivienda de interés social en el Uruguay: 1970-1983**. Montevideo: Fundacion de Cultura Universitaria, 1992.
- SMITHSON, A.; SMITHSON, P. **An urban project**. Architect's Yearbook, v. 5, 1953.
- SMITHSON, A.; SMITHSON, P. **Cluster City**: a new shape for the community. Architectural Review, nov. 1957.
- SOLÀ-MORALES, I. de. Arquitectura y existencialismo. *In*: SOLÀ-MORALES, I. de. **Diferencias**: topografías de la Arquitectura Contemporánea. Barcelona: Gustavo Gili, 1995. p. 43-61.
- TANGE, K. T. Megalópolis, el porvenir del archipiélago nipón. *In*: KULTERMANN, U. (Comp.). **Kenzo Tange 1946-1969**: arquitectura y urbanismo. Barcelona: Gustavo Gili, 1970.
- URUGUAY. **Ley n. 13.728**, del 17 de diciembre de 1968. Plan Nacional de Viviendas. [1968]. Disponível em: <https://legislativo.parlamento.gub.uy/temporales/leytemp3759564.htm>. Acesso em: 29 maio 2020.
- VALLÉS, R. Una mirada al sistema cooperativo de viviendas en Uruguay. *In*: DEL CASTILLO, A.; VALLÉS, R. (Resp.). **Cooperativas de vivienda en Uruguay**. 2. ed. Montevideo: Universidad de la República, 2015.
- VAN EYCK, A. **Steps toward a configurative discipline**. Forum, n. 3, ago. 1962. Disponível em: https://www.academia.edu/5591604/Van-eyck_steps-towards-a-configurative-discipline. Acesso em: 29 maio 2019.
- VIGLIECCA & ASSOCIADOS. **Bulevar Artigas**. Disponível em: <http://www.vigliecca.com.br/pt-BR/projects/bulevar-artigas>. Acesso em: 26 maio 2020.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (Capes). Código de Financiamento 001.